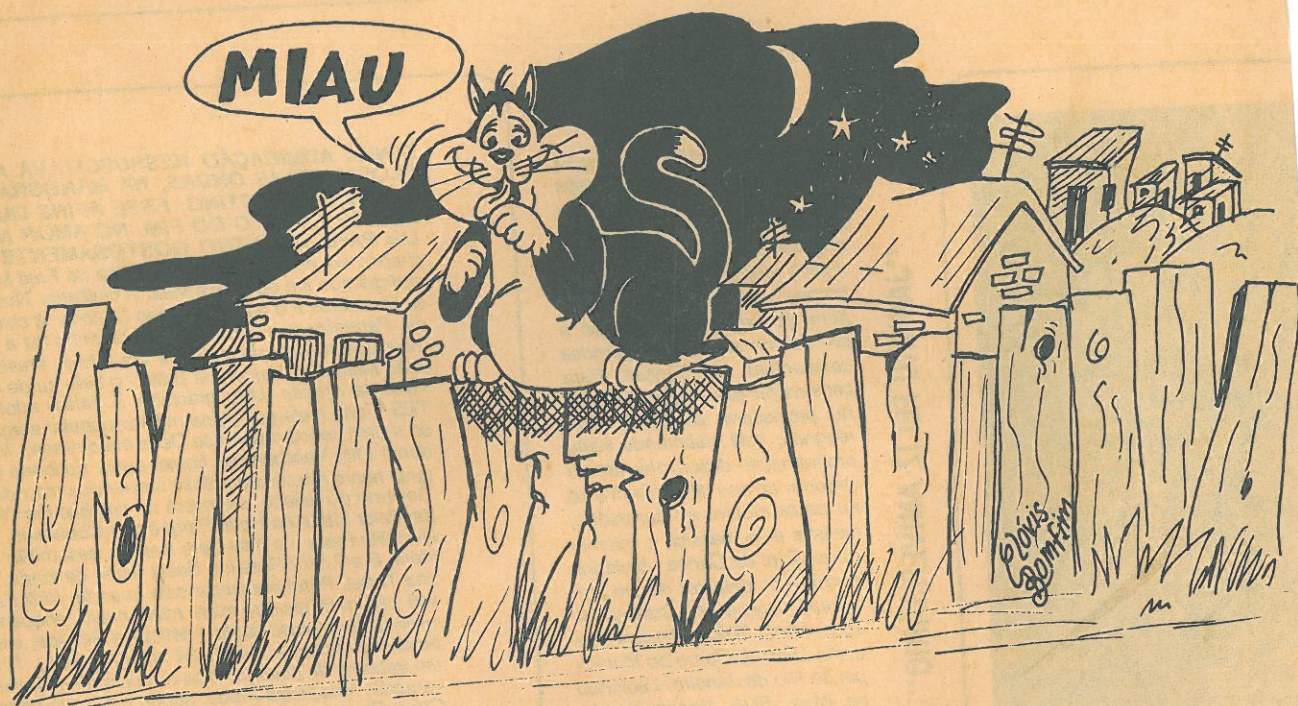


Do jeito sergipano de ser

Por Francisco José Alves



O mineiro, diz-se, é desconfiado e articulador, o paulista é voltado quase exclusivamente ao trabalho, o baiano é só festa e diversão, o amor à terra parece ser um traço marcante do gaúcho. E o sergipano, que traços o caracterizam? Como é o jeito sergipano de ser?

Em primeiro lugar há que se lembrar que a identidade sergipana tem uma origem recente. A independência do Estado ocorreu há apenas 169 anos. Até então Sergipe era apenas uma porção do vizinho Estado da Bahia. É possível, no entanto, vislumbrar alguns aspectos da sergipaneidade.

Salta aos olhos do observador a importância do grupo familiar no contexto sergipano. O in-

divíduo existe para o grupo. Sociedade familiar onde ao desconhecido é sempre perguntado: qual a sua família? O sujeito sem família (ou de família desconhecida) é um marginal ou "um cão sem dono", um forte perigo a ser evitado. Da importância da família decorre o valor do casamento. Não importa a felicidade individual. A todo custo o laço conjugal deve ser mantido. É frequente ver-se casais extremamente infelizes fazendo malabarismos para manter o casamento. Ao que parece a máxima é: morra o indivíduo, mas salvem-se as aparências. É claro que este quadro vai se modificando. No entanto, ainda estamos longe de uma sociedade onde o indivíduo seja um valor proe-

... dismo". A noite todos os gatos são pardos, ou seja, tudo pode acontecer e amanhã é como se nada tivesse acontecido. O sergipano é, muitas vezes, um bissexual com traços esquizofrênicos. De dia marido dedicado, pai amoroso e bom filho, à noite caçador indomável, pervertido. Desta dupla face resulta um ser dividido. Navegador entre mundos antagônicos. É muito comum, por exemplo, o rapaz ficar o início da noite com a namorada e depois, cuidadosamente levá-la para casa e em seguida "sair com os amigos". Outros dividem as noites dos fins de semana entre as namoradas e os amigos. A

vivência destes papéis contrastivos levam o sujeito a um mal estar psicológico, a uma personalidade cindida. Outro aspecto sergipano, no campo do sexo, pode ser assim formulado: tudo pode ser feito mas não deve ser dito. É a lei do silêncio. O sergipano perdoa a transgressão desde que seja coberta com o manto do silêncio. Ai daquele ou daquela que "pecar" e publicar o delito. Violada a lei de ouro do silêncio o réu (ou ré) é lançado (a) no "breu das tocas" do ostracismo.

* Francisco José Alves de [redacted] é mestre em antropologia pela Universidade de Brasília e professor do DFH/UFS.